

MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO

RENAN SILVA DO ESPIRITO SANTO¹; **URSULA ROSA DA SILVA²**

¹ Universidade Federal de Pelotas – renan.ssanto@hotmail.com (bolsista CAPES)¹

² Universidade Federal de Pelotas – ursularsilva@gmail.com (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Este estudo visa apresentar uma análise do projeto de pesquisa que vêm sendo desenvolvido no mestrado em artes visuais da Universidade Federal de Pelotas, intitulado “Mediação Atemporal: materiais educativos institucionais e o acervo docente”, junto ao contexto pandêmico no qual nos encontramos. Neste texto, será abordado as relações entre materiais educativos e seus caminhos durante o período de distanciamento social, tendo como base os entrelaçamentos de práticas entre professores e educativos de museus como tentativas de aproximação com o aluno.

Essa exposição involuntária a uma nova realidade cotidiana nos leva a renovar algumas visões e sentidos do mundo. “No interior de grandes períodos históricos modifica-se, com a totalidade do modo de existir da coletividade humana, também o modo de sua percepção” (GANCE, 1927 apud BENJAMIN, 2017. p.58). A percepção do professor frente a essa nova realidade que transforma seu tempo e espaço, acaba por ressignificar o seu fazer e provocar suas práticas contidas em uma relação não mais restrita a interação entre professor-aluno, se não pelos exercícios e a virtualização contidos nos entre esses sujeitos.

Jorge Larrosa, ao refletir sobre a presença relacionada à sala de aula, afirma que “é tripla: do professor, da matéria de estudo, dos estudantes. Quando não há esse jogo de presenças que se evocam mutualmente, tudo é mecânico, fictício, um mero trâmite, a aula morta [...]” (LARROSA, 2018. p.348). A partir disso, dessa ausência da presença física síncrona – de tempo e, principalmente, espaço – surge desse lugar novos modos (e necessidades emergentes) de se perceber as coisas do mundo. A emergência da atenção para o desvelamento de uma forma é transformada em uma quase e-presença.

O objetivo desse estudo é aprofundar a pesquisa sobre o tema contextualizando-a no espaço e tempo a partir do qual é pensada. A necessidade da idealização e produção desses materiais educativos e a criação de um acervo por parte dos professores acaba por tomar outros valores e proporções.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa que foi realizada como uma contextualização temporal do trabalho em processo, a respeito da produção e utilização de materiais educativos institucionais por arte-educadores em sala de aula, a pesquisa parte da bibliografia encontrada em ambiente virtual para entrelaçar as relações dessa produção educativa com o “novo” cotidiano. De

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

caráter exploratório e bibliográfico (GIL, 2002), o trabalho se desenvolve através de matérias encontradas a respeito dos novos desafios do ensino básico no Brasil, aproximando-os com as contribuições de exposições, instituições culturais e educativos e a tentativa de aproximação com esse público.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como nos lembra Marly Ribeiro Meira, “a concepção grega de percepção, incluía a provocação do reconhecimento, de admitir que cada coisa tem alma, paixões, amor, fascinação capaz de provocar uma reciprocidade afetiva no sujeito percebedor” (2001, p. 126). Tanto em sala de aula quanto no museu, o aluno é provocado a se perceber como algo ou parte desse algo. Entretanto, quando esse deslocamento para um espaço e tempo próprio do educar não é possível, onde é que se encontra (e se é possível encontrar) o limite e o distanciamento contido no exercício da atenção?

[...] na sala de aula não se pode estar “como em casa”, que tanto os alunos quanto o professor tem que se sentirem um pouco incômodos, um pouco estranhos, um pouco deslocados. É preciso fazer com que a sala de aula seja sentida como um espaço separado, distinto, com suas próprias normas e rituais, um espaço exigente. Porque somente assim a aula se transforma em um espaço generoso, um espaço que, por sua própria estrutura, te coloca sobre o que és, te faz ser melhor (ser mais cuidadoso, mais atento) do que és. Ademais, da mesma maneira que as ferramentas (e a oficina) do carpinteiro configuram o corpo do carpinteiro (suas mãos, seus movimentos, seus gestos), eu acredito que a sala de aula configura o corpo do professor, não apenas sua mente. Tenho a sensação de que o corpo do professor (meu próprio corpo como professor) é um efeito da sala de aula. (LARROSA, 2018. p.73)

Na ausência dessa presença, dos corpos na escola e ainda da própria escola, como essa suspensão do tempo – específico da sala de aula, que é livre e separado do tempo do trabalho – se dá dentro do fazer “entre” do professor? Para que um material educativo criado seja, de fato, utilizado em sua potência, não basta apenas que o educador desloque seu tempo e atenção da escola para dentro de casa se o lado que o recebe não o faz.

De forma a orientar as instituições de ensino básico e superior, o Ministério da Educação (MEC) publicou no Diário Oficial da União um documento sugerindo que essas instituições sigam ativas, sem atividades presenciais, e para que “[...] busquem alternativas para minimizar a necessidade de reposição presencial de dias letivos após a pandemia” (GOVERNO DO BRASIL, 2020). Há ainda, no documento produzido pelo Conselho Nacional da Educação (CNE), possíveis atividades de caráter não-presencial como sugestões para as redes de ensino, a serem utilizadas como prática de aula, como: videoaulas, redes sociais ou ainda materiais didáticos impressos.

Ainda sobre o documento, cria-se uma situação de duas faces ao afirmar que “a reorganização dos calendários é de responsabilidade dos sistemas de ensino” (GOVERNO DO BRASIL, 2020): de um modo, cria-se uma sensação de liberdade e autonomia da escola ao se encontrar no controle de suas próprias ações e decisões administrativas; por outro lado, o ministério acaba por se isentar acerca do processo educativo que será adotado e dos resultados das possíveis sobrecargas de trabalho que os professores terão ao se submeterem a um

cotidiano que não corresponde a sua realidade, enfrentando quase que sozinho os desafios da educação não-presencial e de forma não-planejada.

Dentro do âmbito cultural, além da reinvenção dos seus espaços virtuais, instituições culturais vêm trabalhando em conjunto principalmente com suas equipes de educativo, buscando uma maior aproximação com seu público por meio de conteúdos que vão de informações sobre obras pertencentes aos seus acervo à criação e disposição de materiais educativos que estimulam o olhar e a reflexão de educadores. Rejane Galvão Coutinho acredita que “os materiais gráficos concebidos para exposições são instrumentos de mediação entre os objetos (conteúdos) e o público” (2007, p.751). Essa modernização/adequação do contato entre o museu e o público, impulsionado pelo que vem a ser um dos maiores isolamentos sociais dos últimos tempos, acaba por provocar essas equipes a (re)pensar soluções que antes se delimitavam ao contato com o espectador dentro do museu.

Olhando de forma ampla para o circuito das artes nacional, não é difícil encontrar exposições e eventos culturais adiados em questões de meses suas atividades, pensando a respeito de suas ações e contato entre obra e fruidor. Há de se destacar aqui duas grandes exposições nacionais que decidiram se adaptar à realidade: a 34^a Bienal de São Paulo – *Faz escuro mas eu canto* e a 12^a Bienal do Mercosul – *Feminino(s): visualidades, ações e afetos*. A primeira, prevista a acontecer entre 3 de outubro à 13 de dezembro de 2020, ainda que com atividades ativas desde fevereiro desse ano, acatou ao adiamento dessa para 2021. Desse modo, a equipe trabalha em uma programação intermediária, “envolvendo ações educativas, digitais e de programação pública, e será anunciada oportunamente” (FUNDAÇÃO BIENAL, 2020). Em um evento online e aberto a educadores realizado em junho/2020, a Fundação Bienal lançou o material educativo dessa edição em 3 encontros, juntamente das falas gravadas com os agentes convidados, presentes no desenvolvimento do tema. A segunda exposição, com a abertura e atividades mais próximas do início do isolamento social que a primeira citada, assumiu o momento e o desafio e transformou sua edição em uma plataforma de processos online. Com a forte presença do educativo, as atividades se adaptaram ao período de isolamento e buscou através de encontros, expografias e compartilhamentos virtuais, provocar a presença e o olhar do público por meio do acesso virtual. O material educativo foi pensado através do contato e entrelaçamento de saberes entre artistas e câmara de professores, buscando sempre tensionar e levar o olhar às relações da prática contida em sala de aula.

4. CONCLUSÕES

Através desse distanciamento com a sala de aula, ao possuir um acervo pessoal de materiais educativos institucionais, o professor ressignifica o próprio olhar quanto a criação de desdobramentos das preposições referenciais desses conteúdos. Ainda que com as dificuldades provocadas pela ausência desse tempo escolar, e sem experiência prévia com esse tipo de situação no qual vivemos, os desafios e desdobramentos se mostram maiores que o encontrado em sala de aula.

Com o projeto em andamento, estima-se observar e analisar ainda a respeito do consumo desses materiais educativos por parte dos professores,

tentando identificar algumas possíveis atividades de desdobramentos provocadas pela reflexão desse tipo de conteúdo educativo. Com isso, pensar a respeito das possibilidades de criação do professor frente ao seu acervo e como isso pode potencializar a sua prática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G.; SALES, Heloisa Margarido. **Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 216p.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica**. Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, 2017. 176p.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **34ª BIENAL DE SÃO PAULO ESTENDE A PROGRAMAÇÃO ATÉ O FINAL DE 2021**. Imprensa Nacional, 01 jun. 2020. Acessado em 29 set. 2020. Online. Disponível em: <<https://cutt.ly/lf9XMcS>>.

COUTINHO, Rejane G; ORLOSKI, Christiane S C. Considerações de educadores sobre a função do design em materiais educativos. In: **ANAIIS DO 16º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP**. Sandra Regina Ramalho e Oliveira0061; Sandra Makowiecky. (Org.). 16. Florianópolis: ANPAP, UDESC, 2007. v.1.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **DESPACHO DE 29 DE MAIO DE 2020**. Imprensa Nacional, 01 jun. 2020. Acessado em 29 set. 2020. Online. Disponível em: <<https://cutt.ly/lf9XMcS>>.

ESPIRITO SANTO, R. S. **Professor-curador-mediador**: paralelos da mediação cultural na formação docente. 2018. 94p. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) - Curso de Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

GOVERNO DO BRASIL. **MEC orienta instituições sobre ensino durante pandemia**. Gov.br, 03 jun. 2020. Educação e Pesquisa. Acessado em 29 set. 2020. Online. Disponível em: <<https://cutt.ly/Af9Xixg>>.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: Sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 528p.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1.d. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 175p.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de Professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 532p.

MEIRA, Marly R. Educação Estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice D (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Ed Mediação, 2001. 176 p.